

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM LETRAS**

VALFRIDA EMILY SOUZA MORENO

**A LITERATURA DA VIDA REAL
EM “QUARTO DE DESPEJO” DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

**DELMIRO GOUVEIA – AL
2022**

VALFRIDA EMILY SOUZA MORENO

**A LITERATURA DA VIDA REAL
EM “QUARTO DE DESPEJO” DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Graduada em Letras.

Orientador: Marcos Alexandre de Morais Cunha

**DELMIRO GOUVEIA – AL
2022**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

M8431 Moreno, Valfrida Emily Souza

A literatura da vida real em “quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus / Valfrida Emily Souza Moreno. – 2022.
93 f. : il.

Orientação: Marcos Alexandre de Moraes Cunha.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura marginal. 3. Escritora negra. 4. Gênero e raça. 5. Diário. 6. Carolina Maria de Jesus. 7. Quarto de despejo. I. Cunha, Marcos Alexandre de Moraes. II. Título.

CDU: 82-311.1

FOLHA DE APROVAÇÃO

VALFRIDA EMILY SOUZA MORENO

**A LITERATURA DA VIDA REAL
EM “QUARTO DE DESPEJO” DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* do Sertão, como requisito final para obtenção de título de graduada em Letras.

Aprovada em 23 de setembro de 2022.

 Documento assinado digitalmente
MARCOS ALEXANDRE DE MORAIS CUNHA
Data: 22/10/2022 08:35:48-0300
Verifique em <https://verificador.it.br>

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (Orientador)
Universidade Federal de alagoas – UFAL

BANCA EXAMINADORA:

 Documento assinado digitalmente
PAULO JOSÉ SILVA VALENÇA
Data: 25/10/2022 17:47:24-0300
Verifique em <https://verificador.it.br>

Prof. Dr. Paulo José Silva Valença (Examinador Interno)
Universidade Federal de alagoas – UFAL

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de alagoas – UFAL

 Documento assinado digitalmente
MARCIO FERREIRA DA SILVA
Data: 24/10/2022 22:18:35-0300
Verifique em <https://verificador.it.br>

DEDICATÓRIA

Ao Deus do impossível, por ter me proporcionado muitas vitórias e força para continuar acreditando e lutando pelos meus objetivos, dando-me sabedoria e discernimento. Transmitindo-me a segurança necessária para enfrentar o caminho e seguir. Graças a Ele, hoje eu estou iniciando um outro estágio em minha vida.

AGRADECIMENTO

Meus agradecimentos vão para Deus, que está em minha vida acima de tudo e que nunca soltou minha mão, me fortalecendo nesta caminhada. Te dou sempre Glórias Senhor!

Também para os meus familiares que me incentivaram, sonharam e buscaram, cada um do seu jeito, a me ajudar na realização deste sonho. Aos meus pais, em especial, que foram a base fundamental para minha educação e dignidade.

Existe uma palavra que aprendi seu peso e seu valor na constante luta para chegar até o final e esta palavra é “perseverança”, que nada mais é que não desisti. Isso foi determinante para chegar na minha formação acadêmica, juntamente com a à força de vontade, com a garra e com a fé, que foram ingredientes necessários para a travessia difícil e ao mesmo tempo, satisfatória, instigante e prazerosa nessa caminhada.

À UFAL, que possibilitou a realização deste sonho o Curso Superior. Deixando aqui a minha gratidão para a instituição. Aos meus pais, base fundamental para minha educação e dignidade. Sem dúvidas, vocês.

“AS MINHAS PALAVRAS FEREM MAIS DO QUE ESPADA.
E AS FERIDAS SÃO INCICATRISAVEIS”.
- CAROLINA MARIA DE JESUS.

RESUMO

O presente trabalho surgiu da necessidade de se aprofundar mais sobre a Literatura marginal/periférica e a importância desse gênero dentro da literatura brasileira, para isto, a pesquisa tem como tema **“Carolina Maria de Jesus, literatura da vida real”**. O objetivo é relatar a vida de uma mulher negra e favelada que viveu as dores e as amarguras da década de 1960, na qual o machismo predominava. Explorando, desta maneira, a riqueza relatada em uma obra onde a autora descreve com detalhes a realidade do dia-a-dia de um morador de favela, nessa obra Maria de Jesus, traz relatos da vida em extrema pobreza e luta para uma mudança social. Contudo, pretende-se também, analisar e contextualizar os relatos escritos por Carolina Maria de Jesus, citando alguns dos aspectos político, social e econômico em que a sociedade brasileira enfrentava naquela época, no sentido da construção das relações entre gênero e raça. Buscando realizar uma metodologia de trabalho que fosse enriquecedora, optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativa e bibliográfica, com referência na obra da autora e em obras de outros autores que também fazem essa espécie de denúncia social através de uma literatura marginalizada, numa tentativa de conhecer e ter um olhar crítico, sobre a negação da realidade vivida. Destacando a escrita e a linguagem simples, mais influenciadora, despertando o crescimento da imagem da mulher, como feminista e empoderada, algo raro para a época. Assim, com a pesquisa que fora realizada, pretende-se conhecer e divulgar a importância da Literatura periférica, por intermédio da obra ‘Quarto do Despejo’, escrita por uma mulher totalmente esquecida a margem de uma sociedade excludente que marginaliza, e desprezada pela situação social do país, descrevendo com sua visão as dificuldades da classe marginalizada, pobre e favelada, da luta de uma mulher mãe solteira e negra, mas que confronta o padrão pobre da sociedade, em busca de uma vida digna. Para tal análise sobre a autora e sua obra, buscou-se a referência de alguns autores, como Martins (1993), Felinto (1996), Bonfim (2009) e Farias (2020).

Palavras-chave: Diário. Pobreza. Escritora Negra. Gênero. Transformação.

ABSTRACT

The present work arose from the need to delve deeper into marginal/peripheral literature and the importance of this genre within Brazilian literature, for this, the research has as its theme "Carolina Maria de Jesus, real life literature". The objective is to report the life of a black woman from the favelas who lived through the pain and bitterness of the 1960s, in which machismo prevailed. Exploring, in this way, the wealth reported in a work where the author describes in detail the day-to-day reality of a slum dweller, in this work Maria de Jesus, brings stories of life in extreme poverty and struggle for social change. . However, it is also intended to analyze and contextualize the reports written by Carolina Maria de Jesus, citing some of the political, social and economic aspects that Brazilian society faced at that time, in the sense of the construction of relations between gender and race. Seeking to carry out a work methodology that was enriching, a qualitative and bibliographical research was chosen, with reference to the author's work and works by other authors who also make this kind of social denouncement through a marginalized literature, in an attempt to of knowing and having a critical look, on the denial of the lived reality. Highlighting writing and simple language, more influential, awakening the growth of the image of women, as feminists and empowered, something rare for the time. Thus, with the research that had been carried out, it is intended to know and disseminate the importance of peripheral Literature, through the work 'Quarto do Espelho', written by a totally forgotten woman on the margins of an excluding society that marginalizes, and despised by the situation of the country, describing with her vision the difficulties of the marginalized, poor and slum-dwelling class, of the struggle of a single black woman mother, but who confronts the rotten pattern of society, in search of a dignified life. For this analysis of the author and her work, we sought the reference of some authors, such as Martins (1993), Felinto (1996), Bonfim (2009) and Farias (2020).

Keywords: Diary. Poverty. Black Writer. Genre. Transformation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURAS 1: Carolina Maria de Jesus - Revista Galileu

FIGURAS 2: Encontro de Carolina com o Jornalista – Audalio Dantas

FIGURAS 3: Reportagem de Audálio Dantas sobre Carolina no Folha da Manhã – São Paulo

FIGURAS 4: A autora, mulher negra. (site Geletes)

FIGURAS 5: Capa do Livro Quarto de Despejo – diário de uma Favelada - site Amazon

FIGURAS 6: Capa do Livro Casa de Alvenaria

FIGURAS 7: Capa do Livro Pedacos da Fome

FIGURAS 8: Capa do Livro Provérbios

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 QUEM É CAROLINA MARIA DE JESUS	16
2.1 MULHER ESCRITORA	21
2.2 MULHER, NEGRA, POBRE	23
3 QUARTO DO DESPEJO: RECANTOS VENCIDOS	26
3.1 A LINGUAGEM	31
3.2 ESCRITA	34
4 FAVELADA	36
4.1 SAÍDA DA FAVELA	38
4.2 O OLHAR CICLICO	40
5 DECLÍNIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS: gerada e destruída pela Cultura	45
5.1 A MORTE	47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERENCIA	52

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo na história da humanidade os homens e as mulheres estiveram em posições sociais diferentes, desempenhando papéis diferentes, funções diferentes e comportamentos diferentes, tanto em relação aos indivíduos como com relação a si mesma. Mas o tempo passou e muitos costumes, tradições, culturas e funções tem de certa maneira ganhado alguma modificação. Mas, a luta por espaços, reconhecimento e direitos é constante.

Ao longo dos anos, a mulher tem crescido e vem se destacando em uma sociedade totalmente machista, excludente e preconceituosa. O sexo feminino que antes era visto como sexo frágil e cujo seu papel era de dona do lar, genitora e de submissa, atualmente vem ganhando mais espaço onde antes só homens eram permitidos frequentar e trabalhar. Na contemporaneidade a classe feminina vem desenvolvendo funções importantes tanto quanto os homens. Deixando de ser vista apenas como esposa submissa as tiranias do homem que deveria exercer a função de marido, mas, que infelizmente exerce o papel de ser seu carrasco, acreditando ser ele o dono e senhor dos corpos femininos, a mulher na contemporaneidade deixa de ser apenas mais uma dependente, para assumir um papel de provedora, destacando-se em funções diferenciadas da sociedade.

Carolina Maria de Jesus é uma dessas mulheres guerreiras e vitoriosas. Mulher negra, sofrida e marginalizada, oriunda de uma família pobre, mas, que sobretudo via na educação a única oportunidade de ser alguém com dignidade, sempre valorizou a educação. Aprendeu a ler e escrever, superou as maiores dificuldades que a vida lhe trouxe e com essas dores e seu conhecimento, passou a retratar de forma escrita o seu dia a dia. Tornando-se autora, função que naquela época era quase que impossível de acontecer dentro da literatura brasileira, principalmente quando se é mulher, negra, pobre e favelada. Tinha em seus manuscritos em média de trinta e sete caderno, totalizando em torno de 4.500 páginas, com registros de poesia, relatos, novelas, canções, contos e peças teatrais.

A autora transcrevia seus pensamentos para um caderno, que ao longo do tempo o chamou de diário, pois era ali que ela relatava em palavras os seus sentimentos, os seus pensamentos mais íntimos, históricos e políticos, os acontecimentos da sua vida, dia após dia, suas dores, relatava sobre a fome, a

vizinhança, a luta na vida de catadora a qual era sua realidade e sobre a guerra para criar seus três filhos.

Esta mulher negra, marginalizada e favelada que da janela do seu quarto, observada tudo a sua volta, na favela em que vivia, transformou seus registros em um livro, que nomeou de “Quarto de desejos: diário de uma favela (1960)”, retratando um testemunho vivo das diferenças de classes sociais, do abandono de políticas públicas e da dificuldade para sua sobrevivência, modificando a forma literária da época, pois apresentava em seus textos escritos reais, linguísticos e expressivo de um personagem sem oportunidade real.

Este trabalho de pesquisa aborda um tema social de grande progresso para a mulher e para a literatura brasileira, buscando analisar a vida de Carolina Maria de Jesus, a partir de relatos e da visão da própria autora, analisando os conflitos e a desigualdade de uma comunidade excluída da sociedade burguesa, a favela.

Desse modo, nesta pesquisa buscou-se analisar, a linguagem utilizada pela autora, cujo a mesma apresenta-se de forma simples e entendível, declarando sua natureza social, de maneira que foi feita uma análise minuciosa na escrita, nada formal, mas que revela a sua identidade expondo firmemente, mais que sua vida e sua visão, a sua condição social, histórica e cultural, assim como a falha do poder político na classe desprovida de direitos.

A pesquisa utilizou-se do método de estudos qualitativos bibliográficos, conhecendo a obra da autora, demonstrando o (res)surgimento da mulher negra e favelada na sociedade brasileira, compreendendo se de alguma forma Carolina, pela luta e história, ela pode ser compreendida como uma feminista em uma época em que começam a surgir os primeiros movimentos feministas e os movimentos civis em favor dos negros e homossexuais, e destacando ainda que não importa a classe, a etnia e o gênero, mas, o que importa é que Carolina Maria de Jesus, nos oferece uma Literatura marginalizada que nos leva a pensar e refletir sobre as condições de moradia do sujeito que está inserido nas favelas, as quais em suas grandes majorias estão no centro das grandes metrópoles mais, ainda assim, se encontram a margem da sociedade. A obra desta autora nos mostra a realidade da maioria dos brasileiros.

Este trabalho de pesquisa será desenvolvido em cunho qualitativo, sondando o texto escrito, a sua organização e o seu contexto descritivo, de uma condição social já existente. No qual Carolina faz bramir o seu grito em forma de palavras. O mesmo

está estruturado em quatro capítulos, os quais referem-se a fatos da vida da autora, retratando suas angústias, seus aliados e seus opositores.

O primeiro capítulo trata-se de uma apresentação sobre a vida de Carolina Maria de Jesus, destacando pontos da vida e da luta da autora para a sobrevivência da sua família e de si mesma. Pontos da história dela que enriquece sua passagem sobre essa vida, como a luta por ser uma mulher negra, favelada e escritora, por ser marginalizada e por ser pobre, temas estes que eram impossíveis de serem aceitos na sociedade durante o século XX e que na atualidade ainda encontram fortes opressores. Mulher independente com todas as características de um ser feminino, que é capaz de vencer qualquer obstáculo, que foi capaz de denunciar as desigualdades existentes na sociedade onde estava inserida e que também teve a capacidade de se manter de cabeça erguida perante o machismo e o domínio dos que se acham superiores a ela, pelo simples fato de serem homens e mulheres brancas.

No segundo capítulo, será abordado um estudo sobre a obra **“Quarto de Despejo: diário de uma favela”**, os motivos pelos quais a obra foi escrita e relatos do dia a dia vividos em uma favela, quando a vida não mais sorria para a autora. Nessa parte, também nos debruçamos sobre a linguagem utilizada nos relatos que da mesma forma foi para o livro, mantendo a forma original das escritas de Maria de Jesus. Na terceira seção desse trabalho, traremos apontamentos referente a escrita feita no diário de Carolina, que eram escritas rebuscadas, que se utilizava do coloquialismo que se viva na sociedade desigual, e que, portanto, é carregada de uma descrição intimista, em tom de denúncia.

Entrando no quarto capítulo, procurou-se fazer uma análise criteriosa, consciente e delicada dos relatos da vida diária de Carolina na favela. Nestes relatos a autora deixou registrado os conflitos dentro da comunidade, sua vizinhança e a dificuldade de se relacionar com eles, e com todos os componentes sociais que se pode achar nas favelas.

O quinto e último capítulo, será relato a ascensão e o declínio de Carolina na literatura e na vida, sendo ela descoberta pela cultura e destruída pela mesma cultura que lhes proporcionou momentos de “felicidades”, de forma peculiar bem ativa e feroz na sua história. Conseqüentemente, essa monografia se desdobrava em momentos de reflexões, que nos leva a refletir sobre quais são os ensinamentos que a escritora da obra “Quarto de despejos: diário de uma favela”, nos legou e qual a sua importância

para a literatura brasileira, e em especial na literatura marginal, bem como a importância da incorporação das obras dessa autora no espaço e no contexto escolar.

2. QUEM É CAROLINA MARIA DE JESUS



Imagem 1: Carolina Maria de Jesus (Revista Galileu)

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento – MG, zona rural, no dia 14 de março de 1914. Menina negra, de família de ex escravos, nascida após o fim da escravidão, filha de lavradores analfabetos, de classe pobre, que tinha o seu avô ‘Sócrates Africano’ como um exemplo e um referencial familiar.

Podemos mencionar nesse momento o pensamento de Beling (2008), quando em sua pesquisa discorre sobre a importância da família para a formação do sujeito, a autora afirma que:

A família encontra-se embutida em seus integrantes, bem como estes nela, de modo que, ao mesmo tempo em que o sujeito está em construção da sua família junto aos outros membros, está também construindo a si mesmo junto a sua família. (BELING, 2008, p.10)

De tal modo, que podemos perceber em Maria de Jesus, esse apego a constituição da família, especificamente a importância da figura do avô como esse elo familiar de suma importância para sua vida. Quando criança, ela era inquieta, curiosa e muito maltratada, mesmo assim, aos sete anos de idade, sua mãe a colocou em uma escola, mais precisamente no colégio Allan Kardec, definida como sendo a primeira escola espírita do Brasil, e que dava o direito de as crianças pobres

estudarem, porém era uma escola mantida por pessoas influentes da sociedade. A dona Maria Leite, senhora rica daquela localidade, era a pessoa que buscava melhorar a condição de aprendizagem das crianças. Carolina relata também uma citação da época:

– Eu sou francesa. Não tenho culpa da odisseia de vocês; mas eu sou muito rica, auxilio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão (Jesus, 1986, p. 123)

A autora da obra que é o objeto dos nossos estudos, embora tenha frequentado por pouco tempo o ambiente escolar, ela aprendeu ler e escrever. Mesmo sendo forçada pela mãe a frequentar a escola, Carolina não podia ser contra uma decisão dela, assim como sua mãe não poderia ter uma atitude diferente, aproveitando a oportunidade e também por não querer desagradar a senhora francesa. Carolina diz:

Minha mãe era tímida. E dizia que os negros devem obedecer aos brancos, isto quando os brancos tem sabedoria. Por isso ela devia enviar-me à escola, para não desgostar a dona Maria Leite (JESUS, 1986, p. 123).

Carolina e sua mãe, viviam andando por várias cidades do interior de São Paulo em busca de trabalho, até que após a morte de sua mãe, ela chega à capital do estado em 1937. Depois de estabelecer moradia, foi trabalhar como empregada doméstica. Não deu muito certo, pois ela não conseguiu se adaptar ao trabalho doméstico, no qual deveria seguir regras como dormir no serviço, sem liberdade para sair à noite, aturar enjoos dos patrões, cuidar de crianças malcriadas, entre outros, mas, essa não era a vida que queria, pois ela sonhava em ter uma vida melhor.

Carolina Maria de Jesus, era uma mulher diferente para sua época, pois não tinha interesse em casar, mas aos 33 anos de idade se encontrou desempregada e grávida. Com dificuldade para viver mudou-se para a favela do Canindé, localizada na zona norte da capital paulista, onde criou seus três filhos - João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima, sendo cada filho de um pai diferente, sozinha e com seus filhos para criar, ela começou a trabalhar como catadora de papel, ferros e outros materiais recicláveis. Nunca teve vergonha do seu trabalho, pois entendia que toda forma de trabalho era digna, sendo, portanto, sempre bem vinda

para o sustento de sua família. Como mulher e mãe chefe de família sempre valorizou o trabalho, chegando à conclusão de ter se dado bem na sua profissão de catadora de papel:

Dei-me bem catando papel porque estou sempre andando. [...] que quando percebi que eu sou poetisa que fiquei triste porque o excesso de imaginação era demasiado. [...] Eu iduquei imensamente meu cérebro. Não deixei as ideias dominar-me (JESUS,1996a, p. 84).

Carolina considerava seu trabalho como sendo uma forma de ver o mundo, as paisagens e que era importante para ela enquanto poetisa a imaginação e novos cenários. Segundo o crítico e biógrafo Tom Farias (2020), Carolina Maria de Jesus era:

Mulher intemorata, corajosa e cheia de atitudes alvissareiras, Carolina Maria de Jesus, com seu pensamento singular, sua escrita simples, deixou um legado eivado de desafios e alertas, de indignações e dúvidas. E através da leitura das notas do seu diário, fica-se a certeza de que uma mulher sem igual existiu de fato e de direito entre nós, para simbolizar a luta sofrida, não só das mulheres pobres e humildes, mas a luta em prol do dia seguinte, do dia necessário para sobreviver, do dia sem vencedor e sem vencidos. [...] Carolina Maria de Jesus representou essa mulher, que transformou uma atitude corriqueira que é o ato de escrever, na bandeira contra a fome e a miséria, bandeira essa que tremula, como um estandarte, protegendo as cabeças dos fracos e oprimidos, dos que, como ela, envergaram a espinha para ganhar a vida, nos lixões de cada esquina, nas obras do metrô, nos garimpos, nas aberturas de estradas que, infelizmente, levaram este país para lugar nenhum. (FARIAS, 2020, p. 190).

Mesmo com todas as dificuldades em sua vida, Carolina como excelente amante da leitura nunca se afastou dos livros pelo contraditório, através do seu trabalho com reciclagem a mesma encontrava nos lixos, livros e nas suas horas vagas fazia leituras e gostava de escrever. Assim, ela começou a realizar registros do seu dia a dia na favela, nos cadernos descartados que ela encontrava no lixo. Pois ela dizia que gostava “de manuseia um livro. O livro é a melhor invenção do homem.” (Jesus, 2014, p. 24). De modo, que nos registros da autora foram encontrados relatos da luta, do sofrimento e das superações vividas por mulheres negras, pobres e faveladas que viviam no Brasil no século XX, baseados em experiências próprias. Carolina sempre deve esperança que algum dia seus textos teriam algum reconhecimento ou visibilidade. Ela era uma mulher que não conseguia se inserir por

completo na comunidade a qual pertencia, nunca gostou de estar na favela e não gostava dos modos e costumes das pessoas daquela sociedade.

... Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: - Muito bem, Carolina! (Jesus, 2014, p. 74)

Ela era vista pelas pessoas que residiam na favela como uma mulher de costumes e modos diferentes, pelo simples fato de não ter vícios com o álcool ou cigarros. Carolina não gostava de se relacionar ou ter os mesmos costumes que aquela população.

No ano de 1958, Carolina conheceu o jornalista Audálio Dantas, que naquele momento buscava fazer relatos sobre a favela e que após conhecer os diários com os relatos feitos por ela, mais tarde, veio a ser nomeado como **Quarto do Despejo - Diário de uma favelada**.



Imagem 2: Encontro de Carolina com Audalio (Site Afreaka)

Audálio Dantas era um repórter da 'Folha da Noite' - São Paulo, que ficou responsável de criar uma matéria jornalística sobre a favela do Canindé, o mesmo "optou por uma linha de trabalho voltada para questões de relevância social e coletiva" (Castro & Machado, 2007, p.51). Ao fazer esta escolha Dantas, conheceu os registros de Carolina. A partir deste momento, iniciou-se uma parceria na qual, ele passou o

ano de 1958, fazendo divulgações de trechos do material da autora no jornal, onde trabalhava.



Imagem 3: foto tirada da internet; reportagem de Carolina, em 1958, antes do sucesso

Consequentemente, ao fazerem esta parceria o jornalista passou a auxiliar Carolina na publicação de seus diários. No ano de 1960 foi lançado o livro, com um sucesso enorme de venda, sendo vendido em mais de 40 países, chegando a ser traduzido para mais de 16 idiomas, acabou se tornando um *best-seller*.

Com todo sucesso adquirido, Carolina mudou-se da favela e foi para Santana, bairro de classe média, localizado na zona norte de São Paulo. No ano de 1963, ela conseguiu realizar uma nova publicação, por conta própria lançou o romance 'Pedacinhos de Fome e o livro Provérbios'. Com a venda de seus materiais publicados, Carolina conseguiu sair de Santana para Parelheiros, região da zona sul de São Paulo, onde revelava em seu dia a dia um contraste muito grande de vida, entre ricos e pobres, cheios de casarões e barracos. Após mudar-se para Parelheiros, ela deixou de receber os direitos autorais de seus livros.

Mas, mesmo com todo sucesso e ganhando muito dinheiro, Carolina não amenizou a sua situação, pois não conseguira administrar a sua fortuna. Continuou sofrendo com os preconceitos de uma sociedade injusta e fria, na qual não a aceitavam, pela sua cor e ainda duvidavam da sua capacidade de realmente ter registrado os seus relatos, pois sempre vinculavam a imagem e a fama de Carolina

ao jornalista Audálio Dantas, que era um homem branco e letrado. Segundo as autoras Castro & Machado (2007):

A ambivalência de Carolina em relação a Audalio é profunda. Numa atitude de grande passividade, espera que ele resolva os problemas dela e atire da favela. Mas fica indignada de não poder tomar as próprias decisões sobre a casa qual quer morar. Queixa-se da impressão de ser uma escrava sonhando com a alforria. A gratidão que sente por ele vai-se tornando incomoda. Carolina sabe que, sem a ajuda de Audalio, jamais conseguiria publicar seus escritos, mas tal reconhecimento pode exigir subserviência, essa condição insuportável. Ela precisa se rebelar, afirmar sua opinião, desafiá-lo. (Castro & Machado, 2007, p.75)

Percebesse que Carolina tem sentimentos conflitantes nos quais coexistem ideias diferentes mais com a mesma importância e intensidade a respeito de seus relatos. Mas, ao tempo que tem essa parceria com o jornalista, ela começa a ter pensamentos e sentimentos que a deixam sufocada como se precisasse de permissão toda vez que necessitasse fazer algo, chegando ao ponto de se ver como uma escrava que sonha com a carta de alforria.

Como consequência de todo o preconceito que vivera e mesmo tendo alcançado um novo status dentro da sociedade paulistana, ela sofreu novamente com os mesmos preconceitos, ao fazer novas publicações. Agora sem a parceria do jornalista em sua nova publicação, não conseguiu ter uma boa lucratividade dos livros que sucederam depois desses fatos. Carolina sofreu ao longo de sua vida com o racismo, por causa da sua classe social, pelo fato de ser mãe solteira, semianalfabeta e periférica. A autora se valendo do fato de ser uma mulher negra levantou bandeiras diversificadas em vários temas, entre eles a bandeira da liberdade e da resistência de viver/sobreviver em uma sociedade em que a mulher deveria ser oprimida e submissa ao homem.

2.1 MULHER ESCRITORA

Ela era uma mulher negra, favelada, mas não analfabeta, pois havia estudado no 2º ano do Ensino fundamental, dedicando-se a aprender a ler e escrever. E assim ela passou a registrar suas visões e desejos de gritar ao mundo sua agonia e descontentamento.

De tal maneira, Clarice Lispector em sua obra “A Hora da Estrela” de (1999), relata essa necessidade de gritar ao mundo a sua agonia, o seu sentimento de não pertencer a esse mundo onde o que impera é a desigualdade social, o preconceito e a injustiça. A escritura tem urgência em denunciar o seu desconforto de pertencer a um lugar desprestigiado da sociedade por intermédio da escrita.

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. (Lispector, 1999, p.21)

Percebemos que assim, como Lispector, Carolina sentia a necessidade de expressar seus sentimentos, através da escrita, fazendo questionamentos sobre sua vida e sobre a sua amarga realidade. Escrevia principalmente do espaço da negatividade, pois não se via moradora de uma sociedade excludente, a qual sentia nunca pertencer e tinha na escrita e na leitura essa possibilidade de abonar seu atual contexto social e viajar para lugares aos quais se sentia merecedora e que para ela, era digno de viver.

Carolina Maria de Jesus, gostava de ler e vivia entre os livros que achava em sua luta como catadora, assim tornou-se escritora por acaso. Tendo uma das suas publicações, em forma de poesia, lançada pelo jornal no ano de 1940 e no ano de 1950 uma homenagem a Getúlio Vargas foi publicado como poesia, no jornal ‘O Defensor’. Assim, trilhando seu caminho na literatura, no ano de 1958 o jornalista Audálio Dantas, conheceu a autora e os seus diversos diários que relatavam a realidade de ser morador da favela.

Entre os diversos materiais e manuscritos de Carolina, foram encontrados desde poesias, peças de teatro, romances e canções, muitas até sem publicação. Destacando Carolina não apenas como uma relatora de diários, mas passando a ser considerada uma interprete das dificuldades da população do Brasil, pois relatava e destacava a situação da vida de muitas mulheres nas favelas. Sendo suas obras consideradas contemporâneas e um acervo da literatura marginalizada. Segundo Schollhammer (2011), o presente contemporâneo é:

O presente contemporâneo é a quebra da coluna vertebral da história e já não pode oferecer nem repouso, nem conciliação. Visto desse

ponto, o desafio contemporâneo consiste em dar respostas a um anacronismo ainda tributário de esperanças que lhe chegam tanto do passado perdido quanto do futuro utópico (Schollhammer, 2011, p.12)

De tal maneira, que devemos conhecer Carolina, como uma escritora contemporânea, pois ela foi capaz de captar seu tempo e ir além desse tempo, mesmo que o tempo presente a tenha ofertado várias vertebras quebradas, mais pra ela o que realmente importava era os problemas existentes em sua comunidade, mesmo que não se identificasse com o seu presente. Contudo, é capacidade do escritor contemporâneo é ir além do escuro e enxergar nele uma nova possibilidade. Portanto, ela tinha a escrita como sendo uma possibilidade de fazer denúncias e de mostrar ao mundo as durezas da vida humana inserida no cotidiano de um morador de favela. Via na escrita um refúgio, uma liberdade de expressão, ao escrever priorizou sempre sua realidade e usava a escrita como forma de libertação e de fazer crítica social.

Mesmo com todo sucesso de seus relatos e seu trabalho, a autora sofreu com acusações de farsa, pois os críticos da época não aceitavam o seu estilo linguístico, pois esse estilo era muito peculiar e seus escritos feitos em primeira pessoa, despertou a atenção de muitos, os quais duvidavam da sua capacidade de escrever, devido os estudos que tinha adquirido.

2.2 MULHER NEGRA E POBRE

Carolina Maria de Jesus, mulher negra, pobre, favelada, mãe solteira e catadora de papel, assim se apresenta a autora, mas nada disso a fazia aceitar essa condição e esperar pela morte. Mulher guerreira e sonhadora, não se conformava com essa vida, acreditava ela que não se enquadrava na sociedade ao qual estava inserida, a de favelada, pois não queria ser definida pela cor, pela classe ou pelos estudos, pois se achava diferente das pessoas daquela comunidade.

Por ela ter um vocabulário erudito e uma boa dialética, destacou-se naquele ambiente, registrando os fatos de forma ativa, pois essas características são bem diferentes das que permeiam seus personagens, tornando-a assim, uma mulher especial, na qual se nomeava superior para a realidade em que vivia.

Diante disso, dos relatos feito dias a fio, Carolina acabou tornando-se a primeira escritora negra do Brasil a escrever uma autobiografia, e que revolucionou de forma simples e verdadeira o estilo da literatura brasileira para aquela época, atuando também como compositora e poetisa, sendo assim uma das mais importantes para o país.



Imagem 4: A autora, mulher negra. (site Geletes)

Negra, pobre, guerreira e dona de sua vida, mulher que ultrapassou todos os obstáculos impostos pelo machismo da época, Carolina encontrou muitas dificuldades em seu caminho na literatura, pois seu sucesso causou muita inveja nas pessoas, de tal modo, que foram feitos vários cortes em suas obras.

Além da inveja ela também sofreu com o preconceito, este demonstrado por pessoas brancas, das mais variadas classes sociais da época e principalmente pelo lado masculino, que tinha uma visão torpe da participação da mulher na sociedade, em pleno ano de 1960.

Como cita Eduardo de Assis Duarte (2005, p. 26)

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (Apud LOBO, 2007, p. 266)

Contudo, todo preconceito sofrido por Carolina não partiu apenas das pessoas da classe social elevada, veio dos próprios vizinhos, moradores da favela, que tinham

seu descontentamento sobre ela e suas obras. Pois ao relatar fatos e vidas da favela e seu dia a dia, alguns moradores acharam seu cotidiano invadido pela autora. Tão insatisfeitos com a revelação de suas vidas, eles chegaram a atirarem pinicos com fezes em Carolina. Isso porque eles a consideravam uma pessoa metida, porém ela deixa entre seus registros a seguinte passagem: “Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (JESUS, 2014). Nada que tenha atrapalhado o sucesso nacional e internacional dessa lutadora, revolucionária da literatura brasileira.

Através do espaço ocupado por Carolina na sociedade sensacionalista da época, ela desenvolveu o tão hoje falado empoderamento feminino, destacando e fortalecendo o movimento negro e a igualdade de gênero por meio das suas obras, desafiando todo e qualquer conceito de submissão feminina.

Carolina Maria de Jesus, apesar de toda sua dificuldade e realidade, da sua luta pela sobrevivência e pelo abandono social que passava, ela não abandonou a si mesma, ou seja, durante o dia ela catava os reciclados para alimentar os filhos e a si própria, porém nas horas vagas ela alimentava o corpo e a mente.

3. QUARTO DO DESPEJO: RECANTOS VENCIDOS

15 de julho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi em 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. (JESUS, 1995)

Assim, com esses relatos, Carolina Maria de Jesus inicia-se a escrita do livro **Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960)**, descrevendo sua tristeza perante a pobreza e o aniversário de sua filha, angústia para alimenta-se mais um dia.

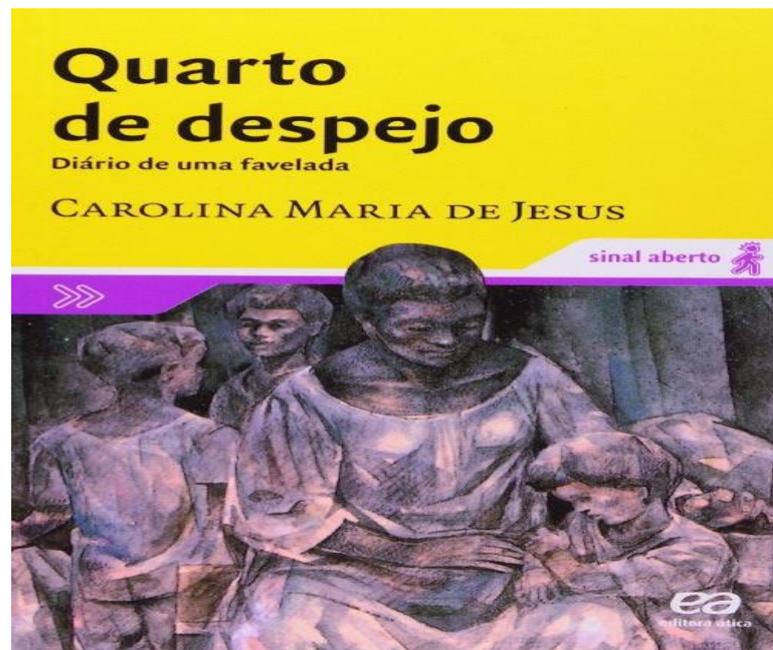


Imagem 5 FONTE: imagem retirada da internet, site Amazon

Este livro, inicialmente e sem pretensão nenhuma de ser livro, iniciou-se como registro do dia a dia da autora, em forma de diário, com seu primeiro relato feito no dia 15 de junho de 1955 e seguindo os registros até 1 de janeiro de 1960. Ela começou a escrever como um refúgio para os dias que lhe faltava comida, relatando que ao invés de xingar e esbravejar pela dificuldade, ela preferia escrever, onde transformou suas palavras em alimento para a alma e não alimentou seu corpo com seu sofrimento. Ao

instante que se folheia o livro encontra-se relatos riquíssimo de teor social e questionador, adentrando em campos políticos, mesmo sem saber de política, mas vivendo nela; assim confrontando tema como racismo, fome, álcool, violência social e doméstica; de forma clara e presente, vivenciada até pela leitura inerente.

A obra **Quarto de despejos – diário de uma favela** lançado em 1960, traz escritos que remete o leitor, mesmo sem nunca ter entrado naquele espaço, a conhecer de forma aprofundada uma comunidade distante da realidade de muitos naquele tempo, pois os relatos eram riquíssimos de verdades, detalhes e certezas de que aconteceu, onde apenas quem presenciou pode garantir a verdade em seus registros.

Este livro foi um divisor de águas na vida de Carolina Maria de Jesus, pois o mesmo, logo após seu lançamento foram vendidos em uma semana, chegando a vender mais de um milhão de exemplares. O mesmo fora traduzido para quatorze línguas, se tornando um dos maiores livros brasileiros mais vendidos no exterior, o que a destacou no cenário literário da época.

A obra foi lançada em forma de diário, no qual a autora relatou fatos do seu dia a dia, vividos dentro de uma favela, abordando situações existentes para a época e que ainda estão presentes nas favelas atuais, ambientes ricos de miséria e penúria. Embora fora escrito em linguagem informal, traz de forma explícita abordagem de temas vividos nos dias atuais como fome, higiene ambiental e dignidade.

Segundo Maria Carolina de Jesus (2014), este exemplar levou este nome por um acontecimento ocorrido em mil novecentos e quarenta e oito, onde ela diz:

... quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres somos os trastes velhos. (JESUS, 2014, p.195)

Encontra-se neste diário, relatos de fatos de sobrevivência na sua vida enquanto vivia como catadora de papel na cidade de São Paulo, aproveitando cada dia para poder se manter viva nessa luta. Carolina não só registrava coisas de sua vida nas ruas, em casa ou na favela, ela também deixou registrados sua tristeza e desaprovação, seu descontentamento com o governo da época. Vendo que a favela só era visitada em período de eleição, tornando essa população vista aos olhos dos governantes, Carolina também os fez serem vistos em seus relatos:

Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores. (JESUS, 2014, p.35)

Continua a relata Carolina (1960) sobre os políticos:

Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xicaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Camara dos Deputados não criou um progeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. (JESUS, 2014, p. 32)

Pois ela se mostrava insatisfeita com a forma no qual o governo tratava a população pobre, agindo em seu mandato contra a própria lei, que é regida e declarada pela Constituição Federal, onde a mesma diz que: “Assegurado pela **Constituição** Federal de 1988, o direito à **moradia** é uma competência comum da União, dos estados e dos municípios...”, onde encontra-se a declaração em que a população, independente da sua condição social, é de total responsabilidade do governo, porém este veem de contradição e faz a ação de abandono da população pobre, possibilitando a essas famílias a serem despejadas em áreas desfavoráveis nas quais, essas mesmas áreas, se tornariam favelas.

Entre os vários relatos da autora, ela destaca uma das suas tristezas quando fala em sua família, a dificuldade de ser mãe solteira em uma situação de extrema pobreza. Destaca-se o seguinte relato:

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade” (JESUS, 1963)

Diante das dificuldades encontradas por Carolina, desde sua chegada em São Paulo, assim como para sustentar seus três filhos e a si mesma, ela se entrega a Fé, tornando-a como ferramenta motivadora para não desistir em sua caminhada, pois

tudo já havia perdido, menos isso, a crença em Deus, Carolina relata “eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado.”.

No diário ‘Quarto de desejo’ mostra que só a Fé para manter essa mulher forte, pois precisa manter a família unida e de pé, sem permitir que as suas necessidades se tornem maiores do que as que já tem, pois ela era a única que sustentava a família. Pode-se encontrar entre seus registros, feitos no dia 15 de julho de 1955, a pequena anotação:

Saí indisposta, com a vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gozar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte. Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas, e lenhas. (JESUS, 1955)

Deixando claramente em seus registros que o protagonista em seus registros diários era a fome e a dificuldade dos dias, onde declara (“O meu sonho era andar bem limpinha, [...] Já me habituei a andar suja” (JESUS, 1998, p. 18). Além do desespero que os assolava dia após dia, sem a certeza se teria alimentação e quantas, porém ela buscava evitar que este protagonismo fosse permanente em sua vida.

Em outro trecho, Caroline registra a vida também de seus vizinhos, Carolina demonstra sua insatisfação com a infraestrutura da favela, também preocupada com as dores de seus vizinhos, presentes quando diz Carolina (1998[1960]):

a enchente de 49 morreu o Pedro Cardoso, filho de Dona Ida. Quando eu soube que o Pedrinho havia morrido afogado pensei na decepção que teve a sua avó que pedia água, água bastante para matar os favelados e veio água e matou-lhe o neto. (JESUS, 1998 [1960], p. 6)

Ela continua destacando a embriaguez de algumas pessoas, isso para esquecer a fome que os assolavam, porém ela não se embriagava, mas sentia a tortura da fome, destacando a passagem onde diz “a tontura do álcool nos impede de cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”.

Entre os vários relatos feito sobre a vida na favela, assim como as ações dos moradores sobre a dificuldade de sobrevivência e abandono, onde por alguns

registros classifica a favela como “pavorosa e medonha”, o seu livro traz um determinado trecho no qual a autora relata um fato onde ela e seu três filho receberam dos vizinhos conteúdos de seus pinicos. Segui Carolina (1998) em seus registros relatando além do álcool e da violência, a prostituição, o incesto, a pedofilia, entre outros:

O soldado Flausino disse-me que a C. era amante do pai. Que ela havia dito que ia com o pai e ganhava 50 cruzeiros, (JESUS, 1998, p. 126)

Eu fiquei horrorizada quando ouvi as crianças comentando que o filho do senhor Joaquim foi na escola embriagado. É que o menino está com 12 anos (JESUS, 1998, p. 157).

A autora fazia relatos de tudo que acontecia em sua vida. Deste o fato de avisar aos filhos que não tinha pão para o café “16 de julho de 1955 Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha”, como o momento que conheceu o Audálio Dantas, um repórter que buscava conhecer a favela para uma reportagem, mas que ao conhecer Carolina e seu diário, se encantou com seus relatos e a ajudou, pois, via ali uma voz da população daquela localidade. "Escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história: a visão de dentro da favela." França (2015), define Carolina em poucas linhas quando ele diz:

[aos] 46 anos ela revelou a miséria de sua comunidade, invisível para a sociedade. Carolina foi a primeira mulher negra, pobre, mãe solteira e semianalfabeta a publicar uma autobiografia (FRANÇA, 2015, p.29).

Entre os relatos ela apresenta a favela para a sociedade, nomeando esta comunidade como quarto do despejo:

Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo, ou queima-se ou joga-se no lixo. Quando estou na cidade, tenho a impressão que estou na sala de visita, com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo (sic), almofadas de sitim (sic). Quando estou na favela, tenho a impressão que sou objeto fora de uso, digno de estar em um quarto de despejo. (QD1, 2000, p.33)

O livro “Quarto de Despejo” foi um dos vinte e cinco cadernos escritos e guardados por Carolina, este mesmo foi publicado em 1960, com uma venda inicial

de dez mil exemplares e vendidos em uma semana (SIC), também atingiu mais 13 idiomas e vendidos para mais de 40 países, onde só nos EUA sua edição atingiu mais de trezentos mil cópias, sendo um total divisor de águas na história de Carolina, pois daí por diante ela transformou sua vida e da sua família.

Carolina, por meio deste livro, adquiriu muito dinheiro, aproximadamente seis milhões de cruzeiros com os pagamentos dos direitos autorais e traduções. Sendo que deste valor a divisão era feita da seguinte forma: dez por cento das vendas era para a autora, uns trinta por cento para o jornalista Audálio Dantas, que a descobriu, e também recebia valores, embora pequenos, das editoras dos EUA (SIC).

Mas não foi só glórias que a autora conseguiu com o sucesso do livro. Ela também atraiu muita inimizade, começando pela população da favela, que nada satisfeita com os registros e divulgações de suas vidas, começou a agredir verbalmente Carolina, com xingamentos e até fezes humanas. Como também os olhares revoltados dos políticos, que não gostaram da ousadia da autora em despertar a sociedade, por que não se dizer – o mundo, sofre o abandono a classe pobre e o descaço social nas favelas.

Este livro de grande sucesso, no qual a autora apenas registrava suas problemáticas e necessidades, acabou causando um impacto muito grande no campo político e a sociedade, pois Carolina fez gritar ao mundo uma realidade que outrora esquecida pelos governantes, fez com que a sociedade conhecesse uma comunidade na qual muitos não sabiam da existência, embora perto de muitos, geograficamente falando, e distante dos olhos sociais. Gritos de socorro, abafados pela dor, descontentamento e medo dos mal favorecidos sociais, que o mundo passou a escutar, mesmo em sendo gritos de silêncio.

3.1 A LINGUAGEM

Mesmo vivendo na pobreza, a sua mãe fez questão de lhe matricula em uma escola, que por sua vez era uma escola espírita, mas que aceitava ensinar a criança pobre. Carolina foi uma garota que estudou pouco, apenas os dois anos iniciais do ensino fundamental, mas aprendeu a ler e a escrever, de forma requintada, e se apaixonou pelas letras, fazendo sua escrita e sua leitura um descanso para a alma.

O livro **Quarto de Despejos** fez um enorme sucesso, sendo um dos livros mais vendidos da época, contendo uma escrita original, de forma sucinta e com um discurso claro. Que retrata/retratou o cotidiano da miséria, violência, fome e a marginalização que era presente em sua vida/vivência na favela de Canindé. A escrita/voz de Carolina é considerada uma obra da literatura marginalizada, pois ela lê a cidade onde mora, através da visão/vivência de uma mulher que se localizava na primeira favela da cidade de São Paulo- SP e a considerava assim: “...Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, 2014, p. 32). Carolina fazia duras críticas a forma que a sociedade e os políticos, tinham como visão de Canindé, a favela para ela era o lugar do quintal, onde tudo que não prestava ou não tinha valor para sociedade, eram despejados no quarto dos despejos.

Com a linguagem de forma mais leve e encantadora, porém cheias de cavidades entre as normas cultas gramaticais, mas que possibilita ao leitor o fascínio pela realidade escondida de uma sociedade que é vítima de um sistema que silenciava/silencia a voz dos oprimidos, Carolina afirma que: “A voz do pobre não tem poesia”. (Jesus, 2014, p. 140). De tal modo que, é necessário ler e reler as obras de Carolina, partido da equidade, tentando se transportar para o ambiente que é descrito pela autora, de maneira, que o leitor precisa ter um olhar compreensivo só assim será possível ver em seus relatos uma linguagem poética, podendo ser observado em seus trechos quando aponta ‘... a cor da fome é amarela’, a poesia fala, destacando um linguajar popular e particular.

É possível encontrar vários trechos de seus relatos, nos quais a autora utiliza-se de palavras raras, ressaltando a poesia de forma sublime e fascinante. Em um dos trechos Jesus (2007, p. 15) diz “Muito inteligente. Mas não tem *educação*. É um político de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador”, ou seja, o suposto erro na escrita, não é propriamente erro, mas sim um dialeto social popular, destacando como uma marca da oralidade de Carolina.

Em outro trecho, a autora faz uma discordância entre singular e plural, algo que não desvaloriza o sentido da frase “Elas alude que eu não sou casada...” (JESUS, 2007, p. 16). Também, há trechos em que ela escreve com disortografia, ou seja, troca uma letra por outra “Comecei a escrever o que observava daquela *agromeração*” (JESUS, 2007, p. 69). Assim, dentro dos seus relatos apresentados no livro, a autora deixa claro que a linguagem utilizada não é ficção e sim uma prova da realidade social

popular ao qual Carolina está inserida, sem vocabulário rebuscado, mas um vocabulário próprio, rico de verdades. Para muitos devido as falhas da escrita culta na linguagem, este livro não tem caráter literário, mas, sim um registro documental.

Afirmando este contexto ou esta visão, Felinto diz que “a academia tenta, mas não consegue dar estatuto literário a Carolina de Jesus” (Felinto, 1996, p.11). Na vasta discussão sobre essa questão de ser ou não ser literatura, de ter ou não ter direito a academia, o crítico Wilson Martins passa a questionar a devida autoria da obra, dando os devidos méritos ao jornalista e editor Audálio Dantas, dizendo que:

Tudo indica que a editoração de Audálio Dantas foi muito além da “excessiva presença” que admite na preparação do texto. Cortes, seleções, vocabulários e até, penso eu, anotações inteiras, sugerem que é tempo de lhe restituir a autoria do “diário de uma favelada” (Martins, 1993)

Mesmo a autora, Carolina se considerando uma escritora e poetiza, sofreu com toda desconfiança da classe literária, classe jornalística e da sociedade como um todo. Isso não porque seus relatos não tivessem fundamentos, mas porque os relatos são escritos de forma despretensiosa e simples, constituídas de erros verbais e gramaticais, sendo assim uma forma popular de falar.

E há outras pessoas que reconhece os relatos importantes de Carolina, assim como fez Paulo Dantas destacando a importância do livro em forma de literatura, definindo:

Literatura da favela escrita pelo próprio favelado, eis o sentido sincero do livro escrito pela trapeira mineira, radicada em São Paulo (...). Só mesmo ela, com sua pungente experiência, podia ter escrito este livro. O seu verbo vem na ordem direta da miséria, recebe e transmite a carga de sofrimentos anônimos e populares, sendo julgamento e protesto, ao mesmo tempo, que diário e reportagem, romance e poesia, porque neste patético livro de Carolina perpassa um particular sôpro lírico, com invulgares clarões de beleza. Isto é que vence as formas estropiadas de sua ortografia e de sua sintaxe primária, no livro, conservadas, pelo seu sabor e singeleza (Dantas, P. in: Jesus, 1960, s/n).

Defendendo a originalidade dos relatos em sua escrita, em seu formato de linguagem seguindo uma linha gramaticalmente informal, mas sem perder a veracidade dos acontecimentos feito de forma testemunhal e de forma própria.

3.2 A ESCRITA

Da janela de um quarto, de um barraco na favela, Carolina tentava ir além do que via, pois ficar ali esperando que um sistema governamental, que nunca olhou para aquela situação, agisse a favor deles seria o mesmo que dizer ‘não existo’.

Então ela, usando do seu pouco conhecimento de escrita e leitura, sem vergonha de como estaria ‘certo ou errado’ em sua escrita, passou a relatar os acontecimentos daquele lugar, isso porque transcrever para o papel toda sua indignação da desigualdade sofrida por aquele povo. Utilizava da sua escrita para libertar as injustiças sociais que sofriam, como a fome, pobreza, maus tratos, preconceito e outros.

A escrita do seu diário, era para desabafar as misérias sofridas pela comunidade de Canindé e fazer críticas ao poder público pelo apagamento daquela sociedade marginalizada da capital. Para JESUS (2014, p.29) “... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças”. Para Carolina só é possível saber a dor do próximo, quando também padece da mesma dor. E que, portanto, a fome é professora e como tal, exerce a função de ensinar a igualdade entre os direitos básicos e fundamentais da população.

O estilo utilizado por Carolina em seus relatos dentro do Diário do **Quarto do Despejo** é considerado por Ricardo Alexino Ferreira (professor da USP- São Paulo), como uma escrita “direta, nua e crua, mas, ao mesmo tempo, suave”. Isso porque ao escrever, Carolina faz um discurso verídico da vida sombria de uma classe desprovida de direitos, não utilizando de ficção literária para enriquecer os fatos.

Comprovando a veracidade disso, Brandão (2012), declara com toda evidencia que:

“são as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam “o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.” (BRANDÃO, 2012 p. 48)

Pois a autora com todo seu conhecimento de vida, na qual sofrera com a desigualdade social ao qual sua família sofria durante a metade do século XX,

transcreveu todo seu descontentamento para o papel de forma simples, firme e ingênua, em forma de narrativas, pois ela descrevia algo do seu cotidiano, dando veracidade e força aos fatos relatados, transformando a forma literária, até então desconhecida, para uma forma literária vigorante e abrangente, de pessoas que gritavam por socorro, mas não tinha som, eram gritos mudos, que foram ouvidos a partir dos relatos da autora.

Essa nova forma da Literatura Brasileira, adquirida por meio da vida real na qual Carolina foi a ponte entre o sistema social e a realidade esquecida, passou a ter uma visão e um respeito maior pelo mundo. Pois as mensagens ali transcritas eram de forma clara, simples e compreensiva que encantou quem as lia, mesmo sendo de forma semianalfabeta, encantava pelas suas metáforas citadas no texto.

As mensagens imortalizadas por Carolina eram escritas na forma gramatical informal, mas compreendida por muitos, pois a sociedade erudita da época, condenava essa forma, porém encantou a muitos, por várias partes do mundo.

Segundo Magnabosco (2002), sobre Carolina, declara que:

“detêm as histórias de suas vidas e apenas o poder de conta-las”, e “seus textos permanecem restritos ao universo da fala, isto é, necessitam de uma voz mediadora que transforme sua narrativa oral em texto escrito.” (MAGNABOSCO, 2002. p.241)

Definindo assim que Carolina é uma mulher negra, simples e influenciadora em uma classe abandonada e muda da sociedade. Ela causou revolta em sua vizinhança e em muitos políticos ao transferir para o papel e depois para os olhos de muitos as suas dores físicas e emocionais, demonstrando isso em um dos seus trechos nos relatos do livro “Esquentei o arroz e os peixes e dei para os filhos. Depois fui catar lenha. Parece que vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato felicidade.” (JESUS, 2014, p.81).

E por meio das ações redigidas por ela, acabou declarando ao mundo que na favela existem pessoas que pensam, vivem, lutam, amam e superam os desafios do cotidiano, basta serem vistos sem esperar por ninguém. Tem que buscar por si, mesmo que o silêncio signifique uma mudança mútua.

Carolina, não teve vergonha de escrever, de se reescrever, nem de se fazer viva, pois tudo que buscava estava se abrindo por meio da sua obra despretensiosas sobre a vida em sociedade.

4. FAVELADA

Ao tratarmos do tema “a favelada”, é necessário antes fazermos um pequeno percurso sobre o surgimento das primeiras favelas no Brasil. Portanto, convém esclarecer que as favelas são resultadas das desigualdades sociais e do gigantesco número de cidadãos que vivem em condições melindrosa de vida nos centros urbanos. Dados cronológicos apontam que as primeiras favelas brasileiras surgiram no final do século XIX, após o término da Guerra de Canudos (1896-1897). Todavia, elas tornaram-se mais visíveis após o desenvolvimento da industrialização do país, que se fortaleceu após a década de 1950. Elas surgem, conseqüentemente, da miséria e das baixas condições de vida da população que, não podendo comprar ou morar de aluguel nas demais regiões das cidades, terminam apossando-se de outros espaços e construindo casas temporárias.

Por conseguinte, Carolina Maria de Jesus, é uma criança de origem pobre. Não nasceu em favela, porém devido as conseqüências do destino e do sonho de sua mãe em viver na grande metrópole do Brasil, acabou o futuro lhes destinando uma morada na primeira favela de São Paulo, a favela de Canindé. Tornando-a assim, o destino uma favelada. Exatamente em 1947, ela chega na cidade de São Paulo, buscando meio de sobreviver, todavia, era uma mulher de gênio indomável, nunca esteve satisfeita com as peças que o destino as havia pregado, não se matinha em empregos, nos quais a função fosse a de uma empregada doméstica. Passou por diversas humilhações.

Com o passar dos tempos ela se envolve e engravida de um português, que após saber da situação a abandona. Assim, Carolina chega na favela de Canindé para fazer sua morada, utilizando sobras de madeira que conseguiu da construção de uma igreja. Uma das grandes preocupações dela era o de encontrar um espaço, para se deleitar com suas leituras diárias, essa preocupação é visível em um trecho de seus relatos, onde descreve: “É que eu ganhei umas tábuas e vou fazer um quartinho para eu escrever e guardar os meus livros.” (JESUS, 2014, p. 86).

Carolina teve três filhos, tornando-se dessa maneira mãe solteira. Foi uma mulher muito dedicada a família e a seu sustento, não tendo tempo para conversar com os vizinho, e nem para se envolver em fofocas ou intrigas, mesmo assim os

vizinhos a considerava medita e prepotente, mas ela não se importava e continuava sua trajetória de luta.

Nos relatos feitos por Carolina, ela descreve a favela, como um lugar existente, cheio de vidas, que para a sociedade e políticos da época, nada mais era que um morro cheio de casa habitadas por zumbi. Acreditava que eles não eram seres humanos que precisassem de oportunidades e tivessem direito e merecessem dignidades, apenas existiam até seu fim.

Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendai-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão socêgo aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte. [...] Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. [...] Eu deixei o leito às 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do Sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2014, p.12-58)

Por isso ela, para não se abalar com toda dificuldade e por não concordar com as cenas de violência que via naquele lugar, passou a descrever tudo, sem esconder nomes ou alterar fatos. Seus relatos eram riquíssimos de detalhes sobre as brigas entre maridos e mulheres, conflitos por questões sentimentais envolvendo agressões verbais e físicas as quais envolviam armas de fogo, e muitas vezes esses atritos eram ocasionados por fofocas de vizinhos, invasão de casas e até mesmo por causa de arrelia de adultos com crianças.

Cansada da imagem que foi gerada sobre as mulheres negras e pobre desde a escravidão, Carolina Maria de Jesus, sem perceber, se transformou em um símbolo de mudança dessas mulheres. Bonfim (2009), relata que:

[...] as mulheres africanas tornadas negras brasileiras e subalternizadas por seu gênero, por sua raça e pela condição subordinada de escrava tenham constituído uma identidade contraditória, visto o dilema conflituoso de se refazer numa ordem civilizatória oposta àquela que as originou como seres sociais. [...]. (BONFIM, 2009, p.246)

Declarando o verdadeiro papel da mulher negra, como guerreira, lutadora e transformadora. Foram esses registros que fizeram de Carolina uma autora que transformou a sua vida, por meio da leitura e escrita, mas também uma mulher que superou todos os seus problemas e se tornando uma das primeiras mulheres negras autora, e que por seu jeito rebuscado de escrever e de expressar a vivência, acabou conquistando leitores dentro e fora do Brasil.

Os seus relatos estão mais para ser seu testemunho de sobrevivência em uma sociedade brutalmente classificadora e causadora de exclusão do que quer um simples diário de vida, pois demonstra uma mulher que independente de sua cor, classe social e seu estereotipo, para nada faltar a seus filhos lutou e sem lamentar seu trabalho ou a suor derramado.

4.1 SAÍDA DA FAVELA

Aproveitando todo sucesso e dinheiro adquirido com a venda dos livros, Carolina sai da favela e vai morar em Santana, bairro nobre da capital, localizada na zona Norte, da cidade de São Paulo. Vendo que atingiu um espaço ao qual ela sempre se imaginava, a autora declara em um trecho registrado em seu diário: “Eu dava os parabéns a mim mesma, analisando a minha ascensão. Compreendi que dependia de mim mesma lutar para vencer” (Jesus, 1986, p. 197). Afirmando que aquele lugar, a comunidade favelada, já não lhe era digno, agora ela fazia parte da “elite burguesa”.

Mesmo assim ela não acabou com o preconceito que sofrerá na vida, pois mesmo bem sucedida e agora em uma casa própria, localizada em um bairro nobre, percebeu que a sociedade, aquela que antes não lhes aceitava por sua condição social, agora com uma vida que era considerada no meio social uma vida de “nobreza”, continuavam sem aceita-la, tendo a mesma visão preconceituosa e excludente. Diante desta situação Carolina Maria de Jesus, chega à conclusão de que não tem nada a ver com sua condição social ou financeira, compreende que não é aceita naquele espaço social, por ser ela, uma mulher negra e por ter a “ousadia” de residir em bairros de brancos.

Continuava a sofrer com os tabus de ignorância de uma sociedade mesquinha e estúpida. Mesmo com a vida renovada, conquistando tudo que antes não poderá,

Carolina se dedicou a mais algumas publicações de forma independente, o romance “Pedaços de fome e o livro Provérbios” ambos lançados no ano de 1963, dando continuidade os relatos da sua vida, sua rotina seus sonhos e seus desejos, aumentando assim os rendimentos que tinha. Esses registros são afirmados em uma fala de Andrade (2008), que diz:

Os diários são narrativas autobiográficas em que um eu de vida extratextual comprovada (ou mesmo com vida apenas dentro do texto) registra, com amparo de data, apoiado na clássica datação, anotações variadas, geralmente sobre um passado recém acabado, fragmentando a suposta experiência de vida (ANDRADE, 2008, p.80)

Mesmo assim, a autora continuou a acumular tanto dinheiro que acabou se mudando da zona Norte para a zona Sul, saiu de Santana para Parelheiros, região árida, localidade de fortes contrastes entre as classes sociais, ‘ricos e pobres’ de ‘grandes casarões entre barracos’, com presença de indústrias, bem diferente de onde vinha, pois Parelheiros caracteriza por ficar próximo a casas ricas e por ter habitações mais pobres do subúrbio da cidade.

Embora tivesse todos esses contrastes, Parelheiros era o lugar mais próximo da infância de Carolina, pois ela não pretendia sair da cidade de São Paulo, e tinha acesso a ônibus, no qual facilitava seus filhos chegarem à escola. A vida de Carolina começou a ter outra visão, andar por outros caminhos antes desejados por ela e agora sendo realidade. Reafirmado pela autora quando diz:

Agora com a fartura de comida os filhos estão enfasiados. Supernutridos [sic]. São mais barulhentos, mais dispostos. Tenho a impressão que estou despertando de um sonho, sonho que foi assim: cadeia, fome, enchente, brigas (JESUS, 1961, p. 36).

Ali em Parelheiros, Carolina também construiu sua residência, em um modesto terreno, próximo a estrada de terra, um sítio, com a casa pintada de cor de abóbora, mas que apresentava dificuldades para seu acesso, tendo que andar por cima de tábuas para não pisar na lama. Nessa fase, a autora passa boa parte do seu tempo só, pois seus filhos, José Carlos (19 anos) vendia objetos na rua além de estudar, pois a autora fez questão pelos estudos dos filhos, ela se dedicava ao cultivo de hortaliças e milho, de onde também tirava seu sustento.

Com o passar dos dias, em sua nova morada, ela parou de receber os pagamentos dos direitos autorais, vindo a lhe fazer falta e com as dificuldades voltou para as ruas, juntamente com seus filhos, para catar papéis e garrafas para vender e com o dinheiro que conseguia realizava a venda de outros produtos para auxiliar na sobrevivência.

Ela não conseguia compreender o porquê da falta dos pagamentos, pois os livros ainda continuavam a serem vendidos, mas sua condição social não melhorava tanto ao ponto de sair um pouco acima da linha da pobreza.

O sucesso de Carolina Maria de Jesus não demorou muito, ao logo dos acontecimentos de sua vida, este tal sucesso foi se extinguindo sombriamente. Pois ela não conseguiu manter o interesse das pessoas pela leitura do seu material, não conseguiu impactar a sociedade com seus relatos apresentados em outros livros como o fez em **Quarto de despejo**, levando-a a reconhecer que a tão desejada acessão a literatura Brasileira estava mais longe que pensava.

4.2 UM OLHAR CICLICO

A autora, Carolina Maria de Jesus, conseguiu com sua simplicidade mudar a sua vida. Simplicidade esta redigida em momentos diários, ações visuais e antisocial de uma classe privada de direitos.

Ela deixa claro em seus relatos, registrados no diário, que é sujeito ativo, construtor e dominador da sua própria história. Participante discursivo dos acontecimento presenciados no ambiente frio, simplório e injusto em que morava.

Carolina relata o tempo todo, tudo que sofre em seus dias, sobre sua fome e a fome dos outros, as situações perversas da sociedade, seu reconhecimento, sua trajetória, suas injustiças, desconfianças e suas acusações. Sendo ela personagem co-participante das palavras escritas em **Quarto de Despejo**, não sendo co-participante central, ou seja, ela deixa este papel para a sociedade desigual do século XX, que destratava mulheres, a cultura singular, a diferença de cor e a diferença imposta pelas classes sociais.

Com o sucesso do livro, ela passou a entrar em espaços nunca esperados, falar com pessoas que nunca havia lhe visto, foi requisitada em vários eventos, com editores, jornalistas, políticos em roda da mais alta sociedade, Carolina agora vivia o

que sempre achou que ela deveria ter vivido, pois ela não aceitava a condição que tinha e nem o lugar que antes habitava.

É compreensível que tudo na vida passa, e assim também foi com a fama de Maria de Jesus, um dia percebeu que já não era tão requisitada para eventos e palestras. Porém, como se a vida quisesse lhe ensinar uma lição, ela deixa de receber seus direitos autorais e mais uma vez se vê obrigada a catar papelão para o provimento da família. Acreditasse que sua “perdição” se deu por excesso de confiança em pessoas que não eram merecedoras de tal sentimento. Audálio Dantas lhe alertou por diversas vezes. Contudo, mesmo com os avisos recebidos ela preferiu acreditar em quem só queria usar aquele momento dela, para favorecer os políticos que tanto ela expôs, criticou, acusou, desmascarou e desafiou.

Em meio a todos os acontecimentos em sua “nova posição social”, ela não se deixou cair no abismo, pelo contrário sentiu-se mais forte. Sem o apoio de Audálio, preparou e lançou mais alguns livros de forma independente. São eles : “ Casa de Alvenaria” (1961), este vem relatando a conquista de uma casa, objeto de consumo, que a muito era desejado por ela. Aqui ela se classifica como “ex-favelada”, mesmo reconhecendo que mudou o habitat e sua condição, mas ainda sofria com o racismo e o preconceito. Neste livro, a autora destacava os fatos acontecidos depois do sucesso, relatando os trajetos que vivia em sua vida pública, descrevendo tudo que acontecia com ela no meio da imprensa, das autoridades, nos estúdios de rádio e TV, as pessoas e ações em cerimônias, nas viagens, nas celebridades, os autógrafos e até relatos em suas passagens por hotéis. Espaços que atingiu e que se achava inabalada pelo status que adquiriu.



Imagem 5: retirada da internet.

Outra obra que a autora publico é intitulada de “Pedacos de Fome” (1963), aqui a autora escreve um romance, rico de preconceito, racismo e desigualdade, tudo que ela lutou contra antes do sucesso. Neste romance ela fala de uma jovem, branca e rica que se apaixona por um homem branco.



Imagem 7 Foto da internet

A terceira obra publicada por ela de forma independente é o livro intitulado de “Provérbios”. Sobre este livro a própria autora relata:

“Este pequeno livro de provérbios que apresento aos meus leitores, que vem me estimulando, no meu ideal. Não é uma obra fastidiosa. É um deleite para o homem atribulado da atualidade. Espero que alguns dos meus provérbios possa auxiliar alguns dos leitores a reflexão. Porque o provérbio é antes de tudo uma advertência em forma de conta-gotas, já que nos é dado a compreender mutuamente para ver se conseguimos chegar ao fim da jornada com elegância e decência.”
(Carolina Maria de Jesus)

Este foi um dos menores livros escrito pela autora e sem muito fascínio em sua obra, não conseguiu despertar o gosto da sociedade em sua leitura.



Imagem 8: Foto da internet.

É de bom tom aqui ressaltar que entre os livros que fizeram parte das obras de Carolina Maria de Jesus, esses foram publicados independente, financiados pela autora, mas que não tiveram a mesma tiragem de venda. Vindo a causar perdas financeira para ela, o que causou o retorno das necessidades sociais a sua família.

Dessa forma Carolina (2005) declara:

Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: - É que eu tinha fé no Kubistchek. - A senhora tinha fé e agora não tem mais? - Não meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo está fraco, morre um dia. (JESUS, 2005, p.39).

Carolina vê-se obrigada a admitir para o filho que agora carrega consigo uma grande descrença nos políticos, na conjuntura da sociedade e principalmente na tão sonhada democracia. De acordo com Flávio René Kothe (1978, p.185 apud. Mano 2006, p. 64) por trás da descrença haja talvez uma crença demasiado intensa no homem. Autora ainda admite que “a democracia está perdendo seus adeptos”. E percebe tudo isso no momento em que se vê sem nenhuma pose ou bem que lhes

permita continuar vivendo sua ascensão social. Sem muitas alternativas de se manter, passa a vender as coisas que planta em seu sítio, volta a revirar os lixos e a andar nas ruas, mas não esperava mais que passar por tudo que antes havia passado.

Carolina deixa claro o reconhecimento de tudo que fez por si mesma, por muitos e a importância que teve para defender uma classe oprimida, deixa isso marcado quando fala "...os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido". Demonstrando que conhece o que fala e que sua passagem na vida e na literatura brasileira incomoda.

Buscou se ressignificar naquilo que conseguiu, com seu atrevimento, sua invasão nas histórias alheias e sua visão de mudança, para não ser igual ao começo. Mas não adiantou!

A autora fez tudo por um espaço diferente da vida que trazia impregnada em si, mas por não saber administrar todo espetáculo como deveria, se perdeu, e voltou a ser como era antes. Mudando o local, a vizinhança, o meio e a necessidade, mas com todo aparato da volta que o mundo dá e ciente de como refazer, entre caminhos em que trabalha como catadora e como poetisa.

Viveu muito entre lixões e livros, relatos e refúgio, registros e gritos de socorro, mas nada a calou. Até chegar a sua morte, pode se dizer que ela viveu o sonho!

5. DECLINIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS: gerada e destruída pela cultura

Carolina, uma mulher que sonhava com um futuro melhor para sua família e para si mesmo, cansada da exclusão social que vivia, desiludida com a ascensão e queda de sua carreira, ainda buscava forças para se manter forte e vitoriosa, nem que fosse do jeito mais simples, catando papéis, latas, garrafas, etc., e este desejo lhe invadia a mente ao dormir, onde poderia lutar contra suas fraquezas.

30 DE JULHO... Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João:

-Agora podemos dar um ponta-pé na miséria.

E gritei:

-Vai embora, miséria!

A Vera despertou-se e perguntou:

-Quem é que a senhora está mandando ir-se embora? (JESUS, 2004, p.162).

Este trecho de um dos relatos do seu livro, nos mostra a insatisfação da autora com a favela, mesmo sabendo que sairá dela e voltaria novamente para a mesma situação, pois a vida deu voltas e ela não soube se manter, voltou ao início. Carolina viveu seu estrelado adentrando em lugares jamais imaginados por ela. Em reuniões e jantares com políticos, entre empresários, gente da mais alta sociedade, vivia em meios a viagens, momentos de sessões de autógrafos e reuniões com jornalistas.

Em meados dos anos de 1957 e 1958, Carolina recebeu voz de prisão por sua ousadia de expor publicamente o que escrevia em seus livros sobre os políticos. Foucault (2014), ressalta que “o sujeito não pode falar tudo o que gostaria, pois existe o momento oportuno para cada ocasião”. Deixando claro que jamais podemos gritar aos quatro cantos tudo que pensamos e sentimos, porquê tudo tem um preço.

Ela não foi presa uma única vez, mais inúmeras vezes. Sendo alguns deles por motivos banais e inverdades que lhes foram impostas, tais como ler ou escrever poesias na rua, acusações de roubo ou desacato, e pela fama que recebeu de “diaba

de Sacramento”. Mas depois do sucesso do livro nada foi tão diferente. Fernandes (2007) declara:

Em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos estão em debates e/ou divergência. Sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. (FERNANDES, 2007, p.18).

Ou seja, todo movimento que gera discurso acaba mudando de acordo com o agir e o aspecto político, econômico e social muda de acordo com o ambiente ao qual o sujeito está inserido.

Carolina, acreditava ter encontrado um caminho para uma vida melhor, imaginava que tinha feito a sociedade burguesa pobre de espírito e de humanidade, ouvir a população menos favorecida, por intermédio dos seus relatos. Com tal crença resolver lançar outros livros, desta vez por conta própria. Contudo, não obteve o sucesso que esperava.

Com o passar dos exatos três anos de sucesso, agitação com compromisso e autógrafos, ela sai de Santana e compra um sítio. Carolina, perdeu muito dinheiro, com má administração e gastos desnecessários. Fato declarado por França (2015), no depoimento a seguir:

A filha diz que a mãe não sabia administrar o que ganhava, e que também assinava muito papel em branco. [...] Também não havia dinheiro para óleo, café e manteiga. Só não passávamos fome porque criávamos galinhas e porcos. A vida voltou a ser dura. (FRANÇA, 2015, p 34.)

A autora não quis ouvir os vários conselhos que lhes foram oferecidos. Acreditava que todos a sua volta a aceitavam e gostavam de si.

Então depois de muitas conversas, discordâncias e discussões, com o jornalista Audálio Dantas, que havia lhe dado apoio, onde o mesmo achava que seu retorno as ruas seria uma forma de despertar o olhar das editoras para novas publicações, ambos se afastaram, por ter um gênio difícil e forte demais, acabando assim com uma “parceira” de trabalho.

5.1 A MORTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS: O SILÊNCIO DA CLASSE OPRIMIDA

Carolina morava em um sítio, localizado em Parelheiros, estava totalmente doente e esquecida no mundo da literatura, depois dos fracassos das suas últimas publicações. No ano de 1977, exatamente em 13 de fevereiro, no auge dos seus 63, Carolina é diagnosticada com bronquite asmática e insuficiência crônica, após uma crise grave foi socorrida ao hospital, vindo a falecer no caminho. Seu velório foi realizado na sala de sua casa, de forma silenciosa, em caixão simples, enfeitado com as flores que ela cultivava em seu jardim. Não teve presença de políticos, jornalistas, escritores, atores ou cantores.

Apenas o prefeito e o jornalista Audálio Dantas a visitou neste momento de despedida, dando todo apoio a família. Este sofrerá ao ver uma mulher guerreira, sonhadora, cheia de garra e luta, agitada e quente, explosiva... de repente está ali fria a sua frente. A memória de Carolina Maria de Jesus ainda vive presente para muita gente, seus relatos que de alguma forma falaram por uma multidão, sobre os problemas de todos, como se os relatos fosse o grito, o qual ecoou por todos e para todos.

Após sua morte foi publicado o livro “Diário de Bitita”, apelido dado a Carolina quando criança. Este livro traz os relatos da infância e da juventude dela, de quando ela era criança, da vida que tinha no interior das fazendas de Sacramento - Minas Gerais. Ao iniciar a leitura, no primeiro capítulo, a autora descreve sobre o terreno comprado por seu avô, onde foi erguida a casa de palha, barro e chão de terra batido, declaração confirmada pela autora:

A nossa casinha era recoberta de sapé. As paredes eram de adobe cobertas com capim. Todos os anos tinha que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocar antes das chuvas. Minha mãe pagava dez-mil réis por uma carroça de capim. O chão não era de assoalho, era de terra dura, condensada de tanto pisar (Jesus, 2014 [1982]:13).

Carolina também relata sobre a violência que sofreu por sua mãe, relatando-a ao dizer:

“Quando mamãe me batia, eu ia para a casa do meu avô. Era uma choça quatro águas coberta com capim. Semelhante às

ocas dos índios que eu vi nos livros. A casa do vovô era tão pobre!” (Jesus, 2014[1982]:29)

Encontra-se presente nesses relatos, como na maioria dos livros o racismo, a opressão, a injustiça social e a moral. A autora transcreve relatos positivos e negativos, sempre usando o tempo passado, pois para ela ali era só relatos de algo que viveu com simplicidade, narrativas por meio da própria experiência. “Ora a negação é, nesse sentido, uma forma de resistência que, por sua vez, corre do passado para o presente instável e se abre para o futuro” (Mano, 2006, p. 67). De modo que, Carolina via nos seus relatos uma forma de resistência, um elo que a ligava a toda a sua essência lhes dando força para resistir as opressões que lhe eram impostas pela sociedade. Seus relatos no livro “Diário de Bitita” ganhavam voz e força, como em **Quarto de Despejo**, através da vivência da autora, dando veracidade sobre os fatos. Mas isso não foi o suficiente para estruturar a vida financeira da família, pois foi mais um dos livros que não tiveram saída.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho visou conhecer a obra e a vida de Carolina Maria de Jesus, autora e escritora negra, pobre e favelada que sofreu com o abandono dos políticos no século XX, sentiu na alma as humilhações sociais impostas pelo falso esquecimento político e pela ignorância de uma sociedade corrupta, fraca, ditadora e covarde que aceita todos os tipos de julgamentos e de dificuldades que lhes são legados sem lutar. Não veem esperança em nenhum lugar.

Mulher negra, mãe solteira, desvalorizada, guerreira, subalterna, que não aceitava a condição imposta por discriminação. Mulher esta que se torna um sujeito ativo em uma sociedade onde o sexo feminino e o homem negro não têm vez e nem voz. Sendo, a escrita seu único meio de fazer denúncias das opressões e injustiças impostas a classe pobre, buscando uma melhoria para sua condição de vida, dando assim, voz a uma classe subalterna.

Neste trabalho, buscou descrever a importância de uma mulher negra que registrava tudo a sua volta. Registros estes que mais tarde tornaram-se obras lidas por muitos e mais tardes esquecidas por todos. Podemos dizer que eram obras repletas de gritos no silêncio, em meio a uma escrita simples e não formal, de uma linguagem rebuscada. Mas transformada para quem ler, assim como para a própria autora, que pode dar uma mudança em tudo que vivia, deste a condição social até a sua moradia.

No caminhar literário deste trabalho é desenvolvido uma análise da vida da autora, das suas dificuldades, perdas e dores. Retratando nela a verdadeira face da mulher negra, diferenciada pelo ato de escrever e de conseguir transcrever seus dias de forma fascinante, para uma sociedade machista do século XX no Brasil.

Carolina Maria de Jesus, destacou-se no cenário literário brasileiro pelo diário que relatava o dia a dia da comunidade nomeado de **Quarto do Despejo: diário de uma favelada (1960)**, onde se encontra relatos que destacava pontos da vida humana como política, fome, brigas, inveja e abandono, mas que também se encontra passagem de amor, cuidado e sonhos.

Mulher esta que, sem pretensão, com seus relatos marca a história de uma classe desprovida socialmente e deixa claro uns relatos da favela de ontem no confronto da realidade da favela de hoje, feito de forma singular como todas suas obras. Nada de diferente!

Anos depois as favelas continuam sendo um habitat de uma classe desprovida dos direitos igualitários respaldados nos papéis da lei, onde todos tem direitos, poucos usufrui e a maioria almeja, sem esperança de ter.

Nas leituras de fragmentos do livro e em outros trabalhos sobre a vida da autora, pode-se perceber-se que ela também lutava contra si mesmo, pois Carolina no instante em que estava perto dos fatos, ela se mantinha afastada das pessoas da comunidade, isso porque ela não era aceita por essas pessoas que as considerava diferente e metida, como também ela não conseguiu aceitar a comunidade por não se ver como parte daquele espaço,

Nesse Trabalho de Conclusão do Curso, foi além da pesquisa propriamente dita, pois ao conhecer a autora, até então nunca havia ouvido falar, vi que ela deixou um legado apaixonante de resistência a um mundo mesquinho, ambicioso, falso e devastador. Que mesmo anos atrás, século passado, as ações de 'superiores', o descaso, o abandono, as humilhações e as favelas ainda são temas existente, não resolvidos e nem estudados por uma classe fria e incapaz de olhar para uma sociedade que sempre teve o negro e a mulher como seus submissos, mas que aqui a autora se revela ousada e oportunista.

Descreve fatos reais, antes não visto ou sabido por muitos, dando a veracidade de vida na qual presenciou trazendo vida para quem liam, compreendendo de forma clara pela exposição de sua fala sobre os variados processos de desigualdade, confuso e turbulento, não se utilizando de fato fictícios e enganador como a maioria da literatura da época.

Conhecendo hoje a obra e vida de Carolina Maria de Jesus, compreendo que a luta, que hoje é tão explorada pela população e pela mídia, sobre temas relevantes como gênero, raça, racismo, exclusão, social, violência, já veem de anos, de forma sutil e que ganhou força ao longo dos anos e das mudanças impostas pela classe sofrida.

Ligando o tema pesquisado e o término no Curso de Letras, juntamente com esta grandiosa descoberta (para mim) e o conhecimento da autora, sua vida e suas obras, vejo um tema riquíssimo para o ambiente escolar pouco explorado pelos educadores em sala de aula, uma obra completa, podendo trabalhar interdisciplinaridade (letras, história, geografia, sociologia e até filosofia), auxiliando indiretamente e racionalmente – levando o educando a refletir algumas demandas, ações, consequências e conquistas; material que auxiliará na formação integral do

educando, despertando-o para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, explorando também outras obras de escritores negro, pois Carolina foi a uma das primeiras negras escritoras, mas não foi a única.

Buscarei adicionar esta autora em minhas aulas, defendendo a sua inclusão nos planejamentos escolares e reafirmando minha visão como autora reflexiva, atraindo diversidades de conteúdo para o ambiente escolar sem a separação de tema, pois na visão de Carolina, estes temas estão abraçados com a classe pobre e negra do país, as quais são atingidas e feridas por tais assuntos.

Posso dizer que em minhas práticas em sala de aula, oferecer aos educandos o conhecimento desta e de outras autoras como Conceição Evaristo e Cristiane Sobral, não direi ser uma educadora militante de Carolina Maria de Jesus, mas pretendo divulgar e fazer circular essa lenda cultural negra socialista nas escolas por onde passar.

REFERENCIAS

ANDRADE, Letícia Pereira de. **O diário como utopia**: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. Mato Grosso do Sul- UFMS, 2008.

BELING, Maria Tereza Cordeiro. **A família e o sujeito: um processo de construção e influências mútuas**. Faculdade de ciências da educação e saúde – FACES curso de psicologia. Brasília- DF, dezembro/2008.

BOMFIM, Vânia Maria da Silva. **A identidade contraditória da mulher negra brasileira**: bases históricas. In: Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 219-249.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novaes da Mata. **Muito bem, Carolina!**: biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo horizonte. C/Arte, 2007.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e Subdesenvolvimento” (1970). A Educação Pela Noite. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

DANTAS, Audálio. **O circo do desespero**: coleção de reportagens. São Paulo: editora Símbolo, 1976.

FARIAS, Tom. **Carolina Maria de Jesus. Escritos negros**: crítica e jornalismo literário. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

FELINTO, Marilene. **Clichês nascidos na favela**. Caderno Mais. Folha de São Paulo. São Paulo: 29 de setembro de 1996.

FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos, SP: Clara Luz, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

FRANÇA, Valéria. **Aventuras na História**. Edição 139, fevereiro de 2015. p. 28-34.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KOTHE, Flávio René. **Benjamin & Adorno**. São Paulo: Ática, 1978, p. 185.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus**: um estudo sobre gênero. UFMG, Belo Horizonte, 2002.

_____. **Diálogo interdisciplinar**: os testemunhos narrativos e suas desconstruções sobre as representações de gênero. In: Gênero e representação em literaturas de línguas românicas. 1. ed. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas/UFMG, 2002. p. 239-245.

MANO, Carla da Silveira. **A tradição da negatividade na modernidade lírica brasileira.** 2006, p.64-67.

MARTINS, Wilson. **Mistificação literária.** Jornal do Brasil, 23 out. 1993.

SCHOLLAMMER, Karl Erick. **Ficção brasileira contemporânea.** 2. Ed. - Rio de janeiro: civilização brasileira, 2011.